

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

Jornalismo, literatura, capital simbólico e conhecimentos linguísticos: caminhos que se entrecruzam em Os Sertões

AUTOR PRINCIPAL: Aline Koproski.

CO-AUTORES: Lucas De Costa França.

ORIENTADOR: Sônia Regina Schena Bertol.

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo - Faculdade de Artes e Comunicação (FAC).

INTRODUÇÃO:

Uma das obras mais importantes da literatura brasileira, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, comprova que o jornalismo é uma fábrica de grandes escritores, pois através de suas reportagens retrata os movimentos sociais da época e as interações entre cenários e objetos com forte poder simbólico. Nesse contexto, na prática jornalística, percebe-se expressões de poder vinculadas ao poder simbólico, ao poder das palavras e seu efeito no sujeito que as recebe, pois a compreensão da natureza do jornalismo é que aquilo que é dito ou escrito, precisa ser efetivamente real. “O capital do campo do jornalismo é, justamente, a credibilidade.” (BOURDIEU, 2002, p. 21).

Para este estudo nos serviremos dos conceitos de capital simbólico e de poder, do sociólogo Pierre Bourdieu. E também, nos conceitos de dialogismo e polifonia, em Mikhail Bakhtin, e da Análise do discurso, para assim, verificar de que forma a obra de Euclides da Cunha acrescentou valor simbólico à cultura do jornalismo.

DESENVOLVIMENTO:

Na obra de Euclides da Cunha, a distinção social é a temática de sua narrativa. Mesmo recompondo a biografia de Antonio Conselheiro e o surgimento de Canudos, a

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



sua ênfase era de denunciar as atrocidades militares contra os sertanejos, como a degola dos prisioneiros e comércio de mulheres e crianças. Relatos esses que ele não descreveu nas páginas do jornal. Muito provavelmente porque o aparato social do periódico teria lhe deixado em uma situação complicada, afinal, o Estado de São Paulo era, um jornal com laços estreitos com o governo. O que revela uma diferença no quadro da produção de informação atuante em cada época. No início do século XX, boa parte da informação consumida, direta ou indiretamente, vinha da imprensa. O jornalista daquela época tinha importante valor como catalisador das manifestações públicas, e de negociador com a antiga alta casta brasileira.

É importante ressaltar que, mesmo o não consumo, é um capital simbólico, e acaba imprimindo uma característica estereotipada que colabora com a identificação social. O sertanejo, como conhecido hoje, é um produto cultural que teve em *Os Sertões* o seu maior divulgador. E ele, aparentemente, está fora da esteira do consumo, talvez por ser ele mesmo um objeto consumável. “Ser caipira e sertanejo, no século XIX, significava não aderir facilmente a modismos, assumir um ponto de vista mais autêntico, ainda que contrário às tendências da Europa. Significava, por fim, ser brasileiro.” (LIMA, 1998). O texto jornalístico também é carregado de capitais simbólicos, e de Cunha, talvez mais do que a média. É conhecida a sua apropriação de termos técnicos oriundos da geologia, engenharia, e tantas outras áreas de conhecimento, para dar uma voz de autoridade acadêmica ao seu texto.

Esta “luta de signos” também é demonstrada na narrativa, onde há o padre sagrado, cercado de crentes, o povo sertanejo sempre fiel e fervoroso de seu próprio entendimento do cristianismo, contra tropas opressoras de forte aparato bélico, tudo isso no sertão tomado pela seca e isolamento. Esses ícones são, até hoje, designação não só da Guerra dos Canudos, como do próprio povo do Sertão. O próprio “sertão”, em si, não existe. Quando procuramos o que caracteriza e que palavras podem definir o Sertão, concluímos que ele é um local que não está determinado no mapa. Ali já se faz explícita a conclusão de que, até mesmo o local onde se passa o romance de Euclides da Cunha, foi por ele imposto para criar o impacto desejado no seu leitor.

Sendo assim, é uma pesquisa bibliográfica qualitativa e de caráter sócio histórico, em andamento, que envolve as seguintes etapas: revisão bibliográfica dos conceitos cunhados por Pierre Bourdieu e da teoria de Mikhail Bakhtin, leitura e análise da obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, e levantamento de dados oficiais, através das

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



reportagens publicadas em O Estado de São Paulo, que foram o embrião para o livro publicado em 1902.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A Guerra de Canudos, reconstruída no romance, auxiliou para a transformação do jornal Estado de São Paulo, pois Cunha como narrador conseguiu criar um elo informacional entre a reportagem literária e a jornalística. E através da visibilidade midiática agregou valor simbólico à obra que até hoje é defendida como exemplo de texto jornalístico no Brasil por grandes jornalistas, como Paulo Francis.

REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1978.

BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

BOURDIN, Alain, A Questão Local, Rio de Janeiro, Editora DP&A, 2001.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo Ltda., 1963.

DORNELAS, Raquel. Aí Já é Vandalismo: Mídia, Poder Simbólico e Disputa de Sentido. Vila Velha. 2014

LIMA, Nísia Trindade. Um Sertão Chamado Brasil. Rio de Janeiro. Revan. 1998

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa):

ANEXOS:



Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.